

**PLATONISMO E PSICODELIA: ÀS ORIGENS PSICODÉLICAS DA METAFÍSICA PLATÔNICA
(PLATONISM AND PSYCHEDELIA: THE PSYCHEDELIC ORIGINS OF PLATONIC
METAPHYSICS)¹**

Jan Clefferson Costa de Freitas

RESUMO

Abordar os diálogos de Platão que aludem aos mistérios eleusianos, partindo da exegese realizada por Robert Gordon Wasson, corroborada pela interpretação psicodélica de Terence McKenna, segundo as quais, respectivamente, os psicoativos deram origem à filosofia. Interpretar a concepção de *Eidos* platônica a partir da experiência enteogênica de Platão. Demonstrar de que maneira a experimentação de psicodélicos contribuiu para o nascimento da metafísica. Explicar o processo por meio do qual a alma se liberta do envoltório biológico, sem que o receptáculo físico morra, para com isso ter acesso aos componentes do conhecimento puro. Apresentar como as formas puras se expressam a partir dos elementos geométricos, considerando os fenômenos visuais da psicodelia enquanto exemplos descritivos de reforço a essa hipótese. Discorrer a respeito da linguagem tridimensional que se apresenta durante o transe psicodélico. Em síntese: analisar o platonismo à luz das ciências psicodélicas, levando em conta a discussão internacional a respeito da filosofia dos enteógenos, colocando em perspectiva a teoria platônica das formas através de uma abordagem psiconáutica.

Palavras-chave: Metafísica; Platonismo; Psicodélicos.

ABSTRACT

To approach Plato's dialogues alluding to the Eleusinian mysteries, starting with Robert Gordon Wasson's exegesis, corroborated by the psychedelic interpretation of Terence McKenna, according to which, respectively, the psychoactive gave rise to philosophy. Interpret the Platonic *Eidos* conception from Plato's enteogenic experience. Demonstrate how the experimentation of psychedelics contributed to the birth of metaphysics. Explain the process by which the soul liberates itself from the biological wrapping, without the physical receptacle dies, thereby gaining access to the components of pure knowledge. To present how the pure forms express themselves from the geometric elements, considering the visual phenomena of psychedelia as descriptive examples of reinforcement to this hypothesis. Discuss the three-dimensional language presented during the psychedelic trance. In synthesis: analyze Platonism in the light of psychedelic sciences, taking into account the international discussion about the philosophy of enteogens, putting in perspective the Platonic theory of forms through a psychonautical approach.

¹ "Jan Clefferson Costa de Freitas" 2017

Keywords: Metaphysics; Platonism; Psychedelics.

PLATONISMO E PSICODELIA: ÀS ORIGENS PSICODÉLICAS DA METAFÍSICA PLATÔNICA

O nascimento da metafísica parece estar envolto em uma aura de mistério, perdido nas brumas dos tempos antigos. Estudiosos contemporâneos defendem a hipótese de que as drogas psicoativas deram origem à religião e à filosofia (HUGHES, 2016; MCKENNA, 1991; WASSON, 2013): perspectiva que o artigo segue a fim de reforçar e esclarecer. Robert Gordon Wasson [1898-1986] parece ser o primeiro estudioso a sugerir que as ideias metafísicas de Platão [428/427-348/347 a. C.] foram concebidas pela sua experiência com o *Kykeon* [*Claviceps Purpurea*]: uma bebida psicoativa utilizada no ritual de celebração dos mistérios eleusianos na Grécia de aproximadamente 1500 a. C. a 500 d. C.. A referência mais antiga que se tem desse composto psicoativo na história da filosofia talvez seja a que está nos fragmentos de Heráclito [535-475 a. C.]: “Também o *Kykeon* se decompõe, se não for agitado” (125, Teofrasto, De Vertigine, p. 9). Em seu livro *Road to Eleusis* [1978], Wasson menciona a imersão realizada por Platão nos compostos psicoativos, apresentando quais são as ideias platônicas originadas pela experiência com as cerimônias eleusianas:

Platão nos disse que mais além desta existência efêmera e imperfeita aqui em baixo existe outro mundo ideal de arquétipos, onde o modelo de cada coisa tem uma vida perdurável: bonita, verdadeira, original. Ao longo de milênios, poetas e filósofos têm ponderado e comentado esse conceito. Para mim está claro onde Platão encontrou as suas Ideias; também o era para aqueles que foram iniciados nos mistérios. Platão bebeu da poção no templo de Eleusis e passou a noite contemplando a grande Visão (WASSON, 2013, p. 42-43).

O mundo suprasensível das ideias e dos arquétipos foi a grande visão que Platão contemplou ao beber da poção de Eleusis. A investigação da filosofia avançou da natureza para a essência desde esse momento em diante (HEGEL, 1976; RUSSELL, 2003; VERNANT, 2010). Na iniciação descrita acima, o filósofo vislumbrou o que para ele seria o aspecto mais puro da realidade possível, chamando essa realidade de *Eidos*. Qual a significação do conceito de *Eidos* platônico? “A palavra *Eidos* tem um sentido já

semiológico (lugar de uma espécie numa classificação); é o aspecto que uma coisa qualquer assume” (RICOEUR, 2014, p. 8). Na perspectiva de Ross (1951), a palavra *Eidos* foi trazida da linguagem coloquial e inserida na filosofia por Platão, indicando a estrutura interna e o contorno externo de uma figura. A concepção platônica de *Eidos* representa o objeto do verdadeiro conhecimento, estando relacionada diretamente à faculdade da visão que se projeta para a essência, perspectiva recorrente em quase todos os diálogos platônicos (TAYLOR, 1926). A ideia faz ver o objeto sensível a partir do seu aspecto formal: se uma planta tem o aspecto que corresponde à ideia de planta, significa que o aspecto é produto da ideia, que a forma é derivada da essência; “A teoria das Ideias não é mais, metodologicamente, uma condição do conhecimento; ela é doravante, ontologicamente, uma escolha de existência, antes de assumir ainda, epistemologicamente, uma nova dimensão, a do objeto supremo do conhecimento” (MATTÉI, 2010, p. 75). A ideia é uma e a mesma: a forma dos objetos é uma identidade sensível assumida pela sua ideia. Para que algo possa ser, ele precisa ser um e o mesmo. Como as coisas se diferenciam na proposta de uma unidade, torna-se necessário mergulhar na essência das coisas. Percebe-se assim, através das ideias, a unidade que interconecta a todos os seres.

Estando agora parcialmente esclarecidas a gênese e a constituição do conceito de *Eidos*, será possível analisar de que maneira Platão chegou ao entendimento da dimensão do conhecimento suprassensível, considerando a beberagem eleusiana – que muitos séculos depois do platonismo ter alcançado o seu apogeu, forneceu à ciência o substrato necessário para a sintetização do LSD (HOFMANN, 1980) – como uma chave de acesso à essência de todas as coisas: o enteógeno sendo pensado como o fio-condutor de abordagem apropriado para o tema diretriz da metafísica (HUGHES, 2016). A descrição da experiência contemporânea de Terence McKenna [1946-2000] com os compostos pertencentes à família das triptaminas – da qual o fungo *C. Purpurea* é parte integrante, constituindo a matéria-prima necessária para a síntese orgânica da dietilamida do ácido lisérgico, uma ergolina com atividade sobre os neurotransmissores humanos de serotonina, caminho pelo qual seguem as aminas psicoativas derivadas do aminoácido triptofano, que por

sua vez constituía o elemento ativo do *Kykeon* nos ritos antigos (WEBSTER, 2013) – possibilita que o platonismo seja pensado a partir de uma visão psicodélica:

O estado induzido pelas triptaminas parece ser em certo sentido transtemporal; é uma antevisão do futuro. É como se a metáfora de Platão fosse verdadeira – como se o tempo fosse ‘a imagem móvel da eternidade’, e como se, no êxtase provocado pelas triptaminas, saíssemos da imagem móvel para entrar na eternidade, a eternidade do ‘estar agora’, o *nunc stans* de Tomás de Aquino (MCKENNA, 1991, p. 66).

Durante o transe provocado pela ingestão das substâncias psicodélicas, a consciência do indivíduo é transposta do mundo sensível para o mundo inteligível e dessa maneira se pode pensar a essência das coisas. Para Platão, as ideias são imagens tridimensionais de natureza geométrica que têm origem na dimensão suprassensível, investigada pelo filósofo a partir da ingestão de psicodélicos: “Através de uma caverna sombria, Platão veio ver a luz; esse raio de sol da filosofia, a ciência e a razão brotaram da experiência psicodélica” (HUGHES, 2016, s/p). Para Terence McKenna (1991), o conteúdo das visões proporcionadas pelos psicoativos produz um tipo tridimensional de *Logos*, que interage com o ser humano através de imagens. Essas figuras, por sua vez, equivalem às formas puras do platonismo, à pluralidade das essências de cada coisa, às substâncias das quais os entes são provenientes, acessíveis por meio da geometria nas obras platônicas (MATTÉI, 2010; TAYLOR, 1926; RICOEUR, 2014; ROSS, 1951). Desta feita, partindo da ingestão ritual do *Kykeon*, Platão concebeu e desenvolveu o principal elemento do seu sistema de pensamento, a saber, a Teoria das Formas ou das Ideias, procurando oferecer uma resposta esclarecedora à problemática central da filosofia.

Como se faz evidente a partir da explanação realizada nos parágrafos anteriores, a substância psicodélica constitui uma ferramenta investigativa da realidade que se oculta por detrás das coisas e por meio de seu uso, torna-se possível dialogar com as ideias originárias que deram a forma de todos os entes (ABRAHAM, 1992; MCKENNA, 1991). Platão desenvolve narrativas nos diálogos *Fédon* e *Fedro* para evocar a origem da relação entre a filosofia e os mistérios eleusianos:

É provável, pois, que os fundadores dos nossos ritos místicos não fossem homens medíocres, antes pelo contrário, desde há muito nos sugerissem a verdade, ao asseverar que todo aquele que chega ao Hades sem ter sido iniciado há de jazer na lama, enquanto aquele que vai purificado e iniciado habitará, ao lá chegar, na companhia dos deuses. É que, como dizem os entendidos nos Mistérios, ‘muitos são os portadores de tirso, mas poucos os bacantes’; ora, estes últimos, quer-me parecer que não são outros senão os que se consagraram, no verdadeiro sentido da palavra, à filosofia. (Fédon, 69c -d).

O rapto das donzelas a colher flores constitui um tema recorrente nos mitos gregos e, na ótica platônica, o sequestro de Perséfone acontece quando esta colhe flores de narciso com a sua companheira, Farmacéia, ninfa cujo nome comum “significa a administração do *Phármakon*, da droga: do remédio e/ou do veneno” (DERRIDA, 2005, p. 14). Tanto a queda de Orítia no precipício empurrada pelo vento Bóreas quando brincava com Farmacéia em *Fedro* (229d-e) quanto “o mito específico que Platão está racionalizando se ocupa de trazer a origem do sacerdócio em Eleusis. Não restam dúvidas de que o rapto de Perséfone foi provocado por drogas” (RUCK, 2013, p. 73). Na obra de Platão, o mito da descida simbólica ao Tártaro serve para explicar de que maneira a filosofia se valeu de elementos psicoativos com o intuito de alcançar o conhecimento dos objetos pertencentes ao interesse da metafísica:

A experiência mostra-nos efetivamente que, para conhecermos com clareza um dado objeto, é indispensável que nos libertemos da nossa realidade física e observemos as coisas em si mesmas, pelo simples intermédio da alma. E então sim ser-nos-á dado, ao que parece, alcançar o alvo das nossas aspirações, essa sabedoria de que nos dizemos amantes (Fédon, 66d-67a).

Através das revelações apresentadas pelo *Kykeon*, a alma se liberta das limitações corpóreas e pode voar através das ideias, reconhecendo a substância da qual ela mesma nasceu e tendo acesso ao verdadeiro conhecimento (RUCK, 1992; WASSON, 2013). Esse voo metafísico da alma do qual Platão fala na sua passagem acima, mostra de que maneira se relacionam a filosofia e a psicodelia, palavra cujo sentido na língua grega significa literalmente “manifestação da alma” (AARONSON; OSMOND, 1970). Se os psicodélicos cumprem a função de manifestar o que existe dentro da alma, eles também têm o poder de tornar as formas inteligíveis, uma vez que o elemento

constituente da alma humana, isto é, uma forma pura, incorruptível e eterna, tem a mesma natureza das ideias em Platão (ABRAHAM, 1992; MCKENNA, 1991, 1993). A partir da ingestão de psicodélicos faz-se possível adentrar no mistério das coisas, compreender a relação entre ente e essência, acessar a dimensão suprassensível e reconhecer os elementos que existem além da vida e além da morte.

O enteógeno possibilita que a alma do filósofo entre em contato direto com o mundo suprassensível, fonte infinita do conhecimento mais verdadeiro e originário, da qual dimanam as formas puras no coração da sabedoria que ele mais ama. O viajante psicodélico vê passar perante a si as imagens que correspondem às essências: caleidoscópios de fractais se apresentam diante dele durante a viagem da alma (MCKENNA, 1991). A geometria consiste na experiência mais forte que se pode ter da realidade no platonismo:

Há na matemática, por exemplo, o círculo e a linha, que eram, para Platão, Formas eternas, ideais. [...] É possível que a ideia das Formas e das leis eternas emergisse antes da escrita na pedra, e que esta fosse apenas uma concretização dessas ideias. Isto sugere uma migração na evolução do imaterial para o material, do abstrato para o concreto, ou seja, o oposto do que muita gente pensa (ABRAHAM, 1992, p. 70).

No diálogo platônico Menon (85b-86c), o escravo de Menon é um personagem que aparece para esclarecer a teoria da reminiscência, doutrina segundo a qual o conhecimento precede a vida (TRABATTONI, 2010): a comprovação dessa teoria se realiza por meio de uma anamnese criteriosa da criança que demonstra não saber geometria, mas que ao ter a sua alma reprogramada pela didática de Sócrates ali naquele instante, recorda-se daquilo que sabia antes da vida ao demonstrar que aprendeu um teorema geométrico a partir de um quadrado desenhado na areia (RICOEUR, 2014). Se os sólidos regulares equivalem às formas puras do platonismo, sendo as figuras correspondentes em desenho e conteúdo à essência presente nas coisas, o que seria a geometria se não a linguagem da alma imortal?

A viagem psicodélica consiste em um estado de espírito que possibilita a interpretação e a expressão desse *Logos* 3D, desse idioma originário que se manifesta por imagens na linguagem, dessa língua cujas palavras se transformam em figuras

quando ouvidas (MCKENNA, 1993). Diferente do fenômeno da glossolalia clássica, que se distingue por não possuir a estrutura de uma língua e que ocorre em diversos estados de percepção, dentre os quais se destacam o transe e a euforia, experiências de consciência produzidas ou não em um contexto de natureza religiosa (GOODMAN, 1969a, 1969b; SAMARIN, 1972),

O fenômeno induzido pelos alucinógenos não é assim; é simplesmente um estado cerebral que permite a expressão da língua fundamental que existe por trás da linguagem, uma linguagem primeva do tipo mencionado por Robert Graves em *The White Goddess* ou uma língua cabalística do tipo descrito no *Zohar*, um *ur sprach* primitivo emitido pela pessoa. Esta descobre que é capaz de construir os objetos extradimensionais – os complexos tridimensionais de cor que se transformam, com tons de sensação e tons de significado. Isto a faz sentir-se como uma criança. A pessoa está brincando com balões coloridos; transformou-se no elfo da Eternidade (MCKENNA, 1991, p. 61).

Retomando a sabedoria presente nos fragmentos heraclitianos, conforme a qual “Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado” (52, Hipólito, Refutação, IX, 9), Terence McKenna reinterpreta o fragmento de Heráclito sob o efeito das triptaminas, substituindo o tempo pela eternidade e a criança por um elfo a brincar com balões coloridos: nessa perspectiva, “a pessoa não só se torna a Eternidade brincando com balões coloridos, mas entra também em contato com outras entidades” (MCKENNA, 1991, p. 58). As entidades das quais antes fala McKenna são as essências ou enteléquias que constituem a realidade. A partir do contato da alma com as figuras da geometria que aparecem para o viajante no decorrer da experiência psicodélica torna-se possível vivenciar uma experimentação imediata da natureza constituinte de todas as coisas (HUGHES, 2016). A apreciação filosófica de substâncias psicodélicas possibilita o florescimento de uma autêntica sabedoria, a construção de um conhecimento fundamentado na experiência direta da consciência com as formas puras, vivência por meio da qual o pensador tem a sua alma conduzida deste mundo às dimensões suprassensíveis, de onde pode fazer contato com as matrizes das ideias que deram origem às coisas sensíveis.

O realmente real se constitui no pitagorismo por número e *Logos*: na metafísica platônica, a matemática e a linguagem constituem a realidade das coisas.

No platonismo, a linguagem e a geometria compõem, respectivamente, o contorno externo e a estrutura interna do princípio organizador da realidade, a saber, a concepção de *Eidos* ou as formas, a expressão visual do *Logos* (RICOEUR, 2014). A obra de Platão está ligada à obra de Pitágoras por uma corrente com elos de ouro. Sem o *Logos* nenhuma verdade seria possível, não haveria comunicação inteligível, e as ideias não seriam conhecidas pelos homens e mulheres (TAYLOR, 1926; ROSS, 1951). Só se pode acessar o ser, a natureza fractal da existência, a substância originária ou a forma pura por meio da ciência geométrica, uma vez que as palavras quando ditas não alcançam a essência do seu significado mais intrínseco, a matriz essencial de todos os seres está expressa nos poliedros regulares, nas figuras que se perfazem visivelmente para o navegante no decorrer de uma experiência com psicodélicos: das imagens móveis da refração à mandala, do caleidoscópio aos alfabetos enigmáticos, dos fractais psicodélicos aos desafios arquetônicos, das visões oníricas aos momentos de onisciência, períodos de tempo e localização que se perpassam na viagem da consciência – “O que estou sugerindo é que a imaginação cósmica poderia incluir em si um reino matemático, e que esse aspecto matemático está em evolução, assim como a nossa própria compreensão da matemática evolui ao longo do tempo” (SHELDRAKE, 1992, p. 58). A essência torna as coisas verdadeiras e o *Logos* produzido pelo efeito dos alcaloides psicoativos desvela as figuras constituintes da substância contida nelas. Heráclito fala de um *Logos* que descompassa a humanidade quando ouvido, que faz o homem se transformar no que ele é, de um *Logos* segundo o qual se distinguem as coisas por meio das formas e comportamentos que elas possuem:

Deste *Logos* sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas as coisas segundo esse *Logos*, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo a natureza distinguindo cada coisa e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo (1, Sexto Empírico, Contra os Matemáticos, VII, 132).

Das grandezas microscópicas às grandezas astronômicas, o conteúdo das visões triptamínicas, semelhante às imagens dos sonhos, apresenta padrões geométricos, espirais de luz e cor em um eterno movimento de rotação que recordam os filamentos

do DNA, fractais em um incessante movimento de expansão que relembram as flores das plantas psicoativas então consagradas (SHANON, 2003, 2010; MCKENNA, 1993): as formas contempladas pelo filósofo sob o ângulo mais puro da visão durante a viagem da alma através das ideias, experiência proporcionada pela iniciação nos mistérios eleusianos e pelo uso contemporâneo de triptaminas, fazem da substância psicodélica um instrumento imprescindível para a elaboração da reflexão que leva ao ser no pensamento metafísico.

Uma linguagem circunscrita nos limites instituídos pela ciência consensual não tem a força de converter sons em imagens (SAMARIN, 1972). Nas sinestésias exóticas decorrentes da ingestão ritual de psicoativos, as palavras quando proferidas produzem formas tridimensionais, um elemento diferenciado dos conteúdos da linguagem convencional, que carece da força de se fazer ver quando alguém faz seu uso (RUCK 1992): o *Logos* tridimensional dos psicodélicos torna possível a interação com as formas superiores da sabedoria, dialogando diretamente com a alma humana em uma eterna sinergia de figuras geométricas.

Platão disse que, se Deus não existisse, o homem o inventaria. Se esse mundo psicodélico e hiperdimensional não existisse, nós o inventaríamos por meio de computadores e de interfaces homem-máquina. Felizmente ele existe na tradição mundial do uso de alucinógenos (MCKENNA, 1991, p. 76).

Reinventando a si mesmo e ao universo todos os dias, o filósofo navega pelo mundo das essências, no qual se acham as ideias em seu aspecto mais genuíno: o hiperespaço feito acessível por uma via psicodélica (MCKENNA, 1993). Na experiência do transe psicodélico, a área dos poliedros se multiplica diante dos olhos, que são os sentidos da alma, e novas formas aparecem para o observador extasiado contemplar (SHANON, 2003, 2010): sonhos e memórias se entrecruzam na reflexão sobre a vida e a morte que se realiza durante a viagem (ALVERGA, 1995). Os fractais coloridos de luz que pululam dos sons das palavras da língua dos anjos durante o efeito da triptamina, abrem túneis para além do espaço e do tempo:

Esses sons se transformam, sem qualquer momento quantizado de distinção – como Filon, o Judeu, disse que ocorreria com o *Logos* quando este se tornasse perfeito – passando de coisas que

ouvimos a coisas que vemos. Ouvimos e vemos uma linguagem de significado estranho, que transmite informações estranhas, impossíveis de serem expressas em nosso idioma (MCKENNA, 1991, p. 60).

O *Logos*, em seu estado tridimensional mais que perfeito, se expressaria como linguagem de maneira inteiramente sinestésica, sem que necessariamente precisasse ser escrito, irrompendo em uma superabundância de referências visuais para a essência, constituídas pelos polígonos geométricos. O modelo estrutural do alfabeto hebraico, onde as letras correspondem a uma forma e as palavras a um número, sendo pensado como uma língua que tenta falar através de imagens 3D, um idioma que ao ser utilizado tem o caráter de tornar visíveis as coisas ditas, que faz brotar insumos para poder exemplificar uma linguagem expressa a partir de figuras nas línguas dos homens: “A eternidade, nas Escrituras, significa a vida do mundo inteligível, como a do mundo sensível é o tempo” (FÍLON, 1964, §267, p. 157). O mundo se perpetua em uma ordem projetada pela linguagem: os olhos hieroglíficos que não tem corpo, inscritos nas paredes das pirâmides de Gizé e de Teotihuacán, e a escrita cuneiforme sumeriana também preenchem os requisitos de um *Logos* tridimensional, uma vez que são desenhos incrustados em megálitos antigos (OTT, 1992). A perfeição do *Logos* da qual fala Fílon de Alexandria [20 a. C.-50 d. C.] consiste na expressão visual das imagens correspondentes aos sons das palavras: fenômeno onde a linguagem se torna visível, experimentado no instante em que o *Logos* se liberta da circunscrição que o fecha na *Ratio* e consegue acessar a essência da filosofia.

Durante o efeito das triptaminas, o viajante psicodélico projeta a sua alma sobre um mundo de essências, viajando através de paisagens constituídas por arquiteturas e arabescos pertencentes à região suprasensível e à dimensão do hiperespaço: “O mundo parecia cheio de uma maravilha e de um poder quase esmagadores que me asseguravam que todas as coisas eram possíveis, e que as coisas, sob esta luz, rumavam na direção certa” (MCKENNA, 1993, p. 157). Terence Mckenna sugere que os compostos psicoativos, quando utilizados de um modo consciente, são capazes de mostrar para os filósofos a enteléquia, permitindo com que estes, na expansão das suas ideias, encontrem a precisão terminológica perfeita para

expressarem o inexprimível, dirigindo-se às formas puras sem o equívoco de degradá-las:

Tais como a ideia de que a teia sintática normalmente invisível que segura tanto a linguagem quanto o mundo pode se condensar ou mudar seu status ontológico e tornar-se visível. Realmente parece haver uma dimensão mental paralela na qual tudo é feito do material da linguagem visível, um tipo de universo que existe junto ao nosso, habitado por elfos que cantam para existir, e que convidam aqueles que os encontram a fazer o mesmo (MCKENNA, 1993, p. 95).

A única maneira de constatar a veracidade de todas essas explicações sobre o voo da alma na história da metafísica Ocidental, além do testemunho da tradição de estudiosos que se dedicam a esse tema (ESCOHOTADO, 1995a, 1995b, 1995c), consiste em conhecer e experimentar o êxtase da triptamina, em iniciar-se nos mistérios para ter acesso às visões beatíficas, procurando sofisticar o vocabulário para tentar se referir à experiência (SCHULTES; HOFMANN, 1982), tentativa que será sempre insuficiente para descrever a consistência dos fractais em movimento de expansão para o infinito, uma vez que estes só podem ser descritos de maneira consistente por imagens e interpretados com precisão à luz dos próprios psicodélicos.

Assim, cabe aos filósofos iniciados realizar uma constante sofisticação das suas palavras para poder apresentar as dimensões do novo *Logos*, uma linguagem tridimensional que se manifesta na experiência com os enteógenos e que pode oferecer uma resposta satisfatória à questão da essência na filosofia (RUCK, 1992). O *Logos* enquanto princípio organizador da realidade pode ser interpretado como a luz que perpassa os olhos e que se funde com a alma para construir o mundo, apresentando através do múltiplo a unidade essencial que interliga todas as coisas,

Pois a série completa de números até o infinito multiplicada pelo infinito termina, quando analisada, na unidade, e começa com a unidade quando ordenada em uma série ilimitada. E assim, quem quer que estude tais questões, declara que a unidade não é de modo algum um número, mas o elemento e a fonte da qual o número dimana (FÍLON, 1996, §190, p. 379).

O *Logos* em seu conteúdo jamais se dispersa: ele impõe uma ordem ao mundo, dispondo as coisas em sequência, proporcionando a fluidez que multiplica o infinito

por ele mesmo e que resulta na unidade (BRÉHIER, 1950). Despertando a consciência que se encontra dentro do corpo de cada um, o enteógeno reabilita a conexão da alma humana com as essências e possibilita uma solução, pelo menos parcial, para o problema metafísico do ser (MCKENNA, 1991): a experimentação fenomenológica dos elementos psicoativos abre um caminho não discursivo para se pensar o ser e, desse modo, a quintessência do inominável vem a ser compreendida pelas figuras originárias da geometria (SHANON, 2003, 2010). Esse *Logos* 3D não se constitui de nenhuma palavra contida nas línguas formais: com efeito, pode ser visto, falado e ouvido por quem conhece o idioma dos psicodélicos. Desse modo, considerando as imagens que aparecem dentro da força das triptaminas como formas derivadas da essência, o *Logos* em seu estado de perfeição se torna a chave interpretativa da substância e da ideia no platonismo.

A força dos enteógenos conduz a alma às dimensões suprassensíveis onde a forma do real se faz presente. Sob o efeito das triptaminas, a dimensão essencial da realidade se faz evidente, de modo que as figuras geométricas, colocadas no alcance da visão pelas mirações, parecem estar expressando a origem de todas as coisas (ALVERGA, 1995). No decorrer da imersão, os viajantes compartilham em alguns casos das mesmas visões: ocorre que se alguém na experiência tem a visão de um ser divino, as pessoas envolvidas no processo também podem ver este ser, interagindo com as entidades que se encontram na dimensão das formas puras, interpretando as suas orientações de uma forma visual e intuitiva (MCKENNA, 1991; SHANON, 2003, 2010). Uma das triptaminas mais conhecidas, a dimetiltriptamina ou DMT, também chamada de a molécula do espírito, por ser a base biológica da experiência espiritual, antes de ter recebido o seu nome atual foi chamada de telepatina, pois durante os seus efeitos registraram-se visões compartilhadas, estados telepáticos constituintes de uma linguagem que somente os iniciados são capazes de compreender, mas que, estando presentes em descrições da literatura fenomenológica, podem trazer uma possível compreensão da experiência para o investigador não iniciado (SHANNON, 2003, 2010; STRASSMAN, 2001). A DMT é produzida em uma grande quantidade pelo próprio corpo em dois momentos, a saber, no início e no fim da vida do ser humano, quando este nasce e quando este morre, é como se o organismo sintetizasse uma quantidade

de DMT ativa cuja medida se aproxima às 18g, o que aproximadamente equivaleria a 360 doses ativas da substância isolada tomadas de uma só vez (BARRON, 2009; STRASSMAN, 2001; WALLACH, 2009): o movimento necessário para sair de uma dimensão e entrar em outra. Quando se toma uma dose heroica de DMT, quer esta seja inalada sem ou ingerida com algum inibidor da monoamina oxidase, a enzima MAO, o indivíduo vislumbra a vida que ele já teve, assim como tem a visão de toda a vida que ainda pode ter, um estado de espírito muito semelhante ao sentimento que acompanha uma experiência de quase morte, a consciência retorna ao seu estado convencional com a sensação de renascimento.

Nas experiências de quase morte, os indivíduos que passaram pelo processo, relataram ter tido visões, estados de consciência, sensações semelhantes à vida, mesmo após a perda dos sinais vitais em um hospital ou depois de um grave acidente (MOODY, 1979). Acerca do fenômeno da sobrevivência à morte física disse Heráclito: “O mesmo é em nós vivo e morto, desperto e dormindo, novo e velho; pois estes, tombados além, são aqueles e aqueles de novo, tombados além, são estes” (88, Plutarco, Consolação a Apolônio, 10 p., 106E). A distinção categórica entre experiência de quase morte e viagem psicodélica reside na constatação que se segue: os psicoativos não causam danos ao indivíduo nem muito menos à sociedade tanto quanto a experiência de quase morte é capaz de causar. Em alguns usos cerimoniais da ayahuasca, uma bebida constituída de DMT oralmente ativo combinada com betacarbolinas inibidoras da enzima MAO (CALLAWAY, 2002), preparo ancestral que tem efeito psicoativo no corpo humano pela sinergia entre os alcaloides de duas plantas, a *Banisteriopsis Caapi* e a *Psychotria Viridis* (METZNER, 2002), sabe-se que o xamã ou o ayahuasquero acessa um estado de transe, contexto necessário para que haja uma liberação da sua alma do invólucro carnal e esta possa transcender à dimensão suprassensível (MCKENNA, 1991, 1993). O *Kykeon* dos mistérios eleusianos liberava a alma do corpo e a fazia viajar pelo mundo das formas: os filósofos e os poetas iniciados nos mistérios contemplaram a linguagem visual da substância, a essência que deu origem à metafísica (RUCK, 1992). O legado que foi deixado pelo platonismo constitui um tesouro de grande valor para o conhecimento (RUSSELL, 2003). A influência produzida pela experiência psicodélica está para a obra de Platão

assim como a obra de Platão está para o pensamento Ocidental. “A filosofia Ocidental foi desencadeada pela ingestão de psicodélicos: a filosofia de Platão foi inspirada pela ingestão psicodélica, e a filosofia Ocidental foi inspirada por Platão” (HUGHES, 2016, s/p). A iniciação nos mistérios de Eleusis, que culminava com a ação psicoativa do *Kykeon*, fez Platão desenvolver o pensamento que o acompanharia a vida inteira (WASSON, 2013). A teoria das ideias nasceu a partir de uma visão psicodélica, onde o filósofo, após libar a beberagem eleusiana, contemplou a essência das coisas diante de si, viu as formas geométricas falarem por meio de múltiplos ângulos, constatou a existência de um mundo suprassensível através de fractais iluminados, testemunhou o nascimento da reflexão a respeito do ser junto à busca de uma resposta à questão diretriz, e anteviu um horizonte de compreensão através do qual se fez possível conceber o pensamento metafísico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARONSON, B.; OSMOND, H. F. *Psychedelics: the uses and the implications of hallucinogenic drugs*. New York: Anchor Books, 1970.
- ABRAHAM, R.; MCKENNA, T. et al. *Caos, criatividade e o retorno ao sagrado: triálogos nas fronteiras do Ocidente*. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1992.
- ALVERGA, A. P. *O livro das mirações: uma viagem ao Santo Daime*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- AQUINO, T. *O ente e a essência: De ente et essentia*. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Ed. bilíngue [latim/português]. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BARRON, J. *Brain functions even after death*. The Baseline Health Foundation, 2009. Disponível em: <https://jonbarron.org/article/brain-functions-even-after-death>
- BRÉHIER, E. *Les idées philosophiques et religieuses de Philon d’Alexandrie*. Paris: J. Vrin, 1950.
- BURGER, R. *The Phaedo: a platonic labyrinth*. New Haven and London: Yale University Press, 1984.

CALLAWAY, J. C. *Fitoquímica e neurofarmacologia da ayahuasca*. In: METZNER, R. (Org.). *Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza*. Trad. Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. 3ª Ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ESCOHOTADO, A. *Historia de las drogas, I*. Alianza Editorial, Madri: 1995a.

_____. *Historia de las drogas, II*. Alianza Editorial, Madri: 1995b.

_____. *Historia de las drogas, III*. Alianza Editorial, Madri: 1995c.

FÍLON, A. *De mutatione nominum*. Trad. Roger Arnaldez. Ed. Bilingue [grego/francês]. Paris: Cerf, 1964.

_____. *Who is the heir of divine things: Quis rerum divinarum heres sit*. Trad. F. H. Colson e G. H. Whitaker. Ed. bilíngue [grego/inglês]. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

GRAVES, R. *Difficulty questions, easy answers*. New York: Doubleday, 1964.

GOODMAN, F. *Phonetic analysis of glossolalia in four cultural settings*. Medford: Journal of the Scientific Study of Religion. n. 8, 1969a.

_____. *Speaking in tongues in four cult settings*. Basel: Confinia Psychiatrica. n. 12, 1969b.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. Trad. Euclidy Carneiro da Silva. São Paulo: Hemus, 1976.

HERÁCLITO. *Fragmentos*. Trad. José Cavalcante de Souza. In: Os pré-socráticos. Col. Os pensadores. Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HOFFMAN, A. *LSD: My problem child*. Trad. Jonathan Ott. NYC: McGraw-Hill Book Company, 1980.

HUGHES, P. S. *Noumenautics: metaphysics, meta-ethics and psychedelics*. London: Psychedelic Press, 2015.

_____. *The hidden psychedelic history of philosophy: Plato, Nietzsche and 11 other philosophers who used mind-altering drugs*. 2016. Disponível em: <http://highexistence.com/hidden-psychedelic-influence-philosophy-plato-nietzsche-psychnauts-thoughts/>

MATTÉI, J. F. *Platão*. Trad. Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MCKENNA, T. *Alucinações reais: uma viagem cósmica inspirada pelo uso de plantas de poder*. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. *O retorno à cultura arcaica*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

METZNER, R. *Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza*. Trad. Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

MOODY, R. *Vida depois da vida*. Trad. Rodolfo Azzi. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

OTT, J. *Los ojos desincorporados esculpidos de Teotihuacán*. In: WASSON, R. G.; KRAMRISCH, S. et al. *La Búsqueda de Perséfone: Los enteógenos y los Orígenes de la religión*. Trad. Omar Álvares. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução de M. T. Schiappa de Azevedo. Brasília: Editora da UNB, 2000.

_____. *Fedro*. In: Platão: Diálogos III (socráticos). Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2008.

_____. *Mênon*. Trad. Maura Iglesias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RICOEUR, P. *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. Trad. Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROSS, W. D. *Plato's theory of ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1951.

RUCK, C. A. P. *La solución del misterio eleusino*. In: WASSON, R. G.; HOFMANN, A. et al. *El camino a Eleusis: una solución ao enigma de los misterios*. Trad. Felipe Garrido. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

_____. *Poetas, filósofos, sacerdotes: los enteógenos en la formación de la tradición clásica*. In: WASSON, R. G.; KRAMRISCH, S. et al. *La Búsqueda de Perséfone: Los enteógenos y los Orígenes de la religión*. Trad. Omar Álvares. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

SAMARIN, J. W. *Variation and variables in religious glossolalia*. United Kingdom: Oxford University Press, *Language in Society*, n. 1, 1972.

SHELDRAKE, R. *A criação e o caos*. In: ABRAHAM, R.; MCKENNA, T. et al. *Caos, criatividade e o retorno ao sagrado: triálogos nas fronteiras do Ocidente*. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1992.

- SCHULTES, R. E.; HOFMANN, A. *Plantas de los dioses: orígenes del uso de los alucinógenos*. Trad. Alberto Blanco. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- SHANNON, B. *O conteúdo das visões da ayahuasca*. Rio de Janeiro: Mana, n. 9, 2003.
- _____. *The antipodes of mind: charting the phenomenology of the ayahuasca experience*. New York: Oxford University Press, 2010.
- STRASSMAN, R. *DMT: the spirit molecule: a doctor's revolutionary research into the biology of near-death and mystical experiences*. Rochester: Park Street Press, 2001.
- TAYLOR, A. E. *Plato: the man and his work*. London: Methuen & Co., 1926.
- TRABATTONI, F. *A argumentação platônica*. In: ARCHAI: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental. Brasília: n. 4, p. 11-27, 2010.
- VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. 19ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- WALLACH, J. V. *Endogenous hallucinogens as ligands of the trace amine receptors: a possible role in sensory perception*. USA: Medical Hypothesis, vol. 72, 2009.
- WASSON, R. G.; HOFFMAN, A. et al. *El camino a Eleusis: una solución ao enigma de los misterios*. Trad. Felipe Garrido. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- WEBSTER, P. *La química del Kykeon*. In: WASSON, R. G.; HOFFMAN, A. et al. *El camino a Eleusis: una solución al enigma de los misterios*. Trad. Felipe Garrido. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.